

A CRISE INICIAL  
DE NIETZSCHE

*Tradução*

Plínio Augusto Coêlho



# A CRISE INICIAL DE NIETZSCHE

Uma nova luz sobre a questão  
“Nietzsche e Stirner”

Bernd A. Laska

Encontrei, quando era jovem, uma divindade perigosa, e não gostaria de contar a ninguém o que invadiu, então, a minha alma — nem as boas nem as más coisas. Foi assim que aprendi a calar-me a tempo, e também que devemos aprender a falar para bem nos calarmos: que um homem que tem planos de fundo necessita de primeiros planos, seja para ele próprio, seja para os outros. Pois os primeiros planos são necessários para descansar de si mesmo e para tornar aos outros viverem conosco.

*Friedrich Nietzsche, 1885<sup>1</sup>*

## 1. Introdução e visão de conjunto

A vida de Nietzsche como filósofo terminou, como um largo público o sabe, por um desmoronamento espetacular, em Turim, no início do ano de 1889. Essa **crise final**, pela qual Nietzsche retirou-se para sempre do mundo no plano do espírito, foi objeto

de inúmeras análises muito aprofundadas, que não trouxeram à questão nem clareza decisiva nem conclusão definitiva.<sup>2</sup> Do mesmo modo, o começo da carreira do filósofo foi marcado por uma grave crise existencial, embora menos espetacular, que ele superou em outubro de 1865, por meio de uma autodisciplina das mais estritas e, sobretudo, tornando-se um entusiasta discípulo de Schopenhauer. Contrariamente à última, essa *crise inicial* não foi em absoluto levada em consideração pelos próprios especialistas de Nietzsche e, por assim dizer, jamais estudada em detalhe.

A vida e a obra de Nietzsche, a bem da verdade, foram examinadas com mais atenção e um zelo crítico maior do que aquelas de qualquer outro filósofo.<sup>3</sup> Entretanto, nas apresentações dessa fase decisiva, no transcurso da qual o jovem tornou-se filósofo, suas inúmeras biografias acompanharam suas próprias declarações de uma maneira grandemente desprovida de espírito crítico.<sup>4</sup> Em regra geral, a abrupta conversão de Nietzsche à filosofia schopenhaueriana, ao final do mês de outubro de 1865, é ainda hoje colocada na conta desse “acaso”, que ele próprio invocou, e considerado como desnecessária sua explicação mais detalhada. No entanto, examinando de mais perto essa página, permanecida em grande parte em branco, da biografia de Nietzsche, fiz uma surpreendente descoberta: Eduard Mushacke, com o qual manteve, na primeira metade do mês de outubro de 1865, breves relações, notoriamente muito intensas mas logo interrompidas, era um velho amigo íntimo de Max Stirner.

Essa descoberta torna possível um novo olhar, e desta vez crítico, sobre essa fase da evolução intelectual de Nietzsche. Olhar que fixa, todavia, num primeiro momento, alguns sedimentos da história das idéias, que fazem obstáculo a todo exame sério da hipótese segundo a qual o encontro do jovem com *O Único* de Stirner — encontro que não pode, sem dúvida, deixar de ser postulado — seria a causa decisiva da crise inicial da qual surgiu o filósofo Nietzsche.

O mais maciço desses sedimentos é, pode-se dizer, o fato de que a questão “Nietzsche e Stirner” — que consistem em saber se o primeiro teve conhecimento da obra do segundo e se este influenciou seu pensamento — já foi amplamente discutida nos anos 1900, e, enfim, classificada como não tendo, apesar de tudo, importância; e isso principalmente porque o próprio Stirner era considerado como um autor sem importância no campo da história das idéias. Esse sedimento consolidou-se consideravelmente no decurso de um século, ao fim do qual, enquanto Nietzsche goza no mundo inteiro de um enorme prestígio, mal se conhece ainda Stirner, inclusive na Alemanha.

É por essa razão que é necessário abordar de maneira retrocronológica e, por assim dizer, arqueológica, o tema propriamente dito, a saber, a crise inicial de Nietzsche; analisar, em primeiro lugar, as apresentações mais recentes da questão “Nietzsche e Stirner”, depois — após um útil e indispensável parêntese sobre a recepção clandestina de Stirner — as discussões que ocorreram nos anos 1890, para concluir pelo

exame da situação do jovem Nietzsche, em outubro de 1865. Não debateremos aqui a questão mais ampla de saber se essa reconstrução da crise inicial de Nietzsche abre uma nova perspectiva para sua evolução posterior e pode, enfim, ser tomada em consideração para esclarecer as causas de sua crise final.

## 2. A questão “Nietzsche e Stirner” hoje

Trata-se de um tema que, sem dúvida, hoje, não deixará de provocar indiferença. Conhece-se Nietzsche, ao menos crê-se conhecê-lo — mas e Stirner? Não se o conhece e não se necessita conhecê-lo; ele é apenas uma nota de rodapé numa página de Nietzsche ou de Marx, que, como se sabe, fez dele uma crítica completa e radical desde 1846. Que outro sentido senão o estreitamente historiográfico pode haver em retomar a questão, extremamente marginal, e que, além do mais, está há muito resolvida, questão essa de saber se Nietzsche conhecia ou não *O Único* de Stirner? Este estudo trará uma resposta quanto a isso.

Max Stirner sempre teve, no mundo da filosofia e, de um modo geral, da cultura, a pior reputação que se possa imaginar — quando não foi simplesmente “esquecido”, até os anos 1890, depois, uma vez mais, a partir dos anos 1910. Ele passou por um espírito limitado e foi um excluído, um intocável, um pária do espírito. Isso era evidente e teria sido perda de tempo justificar esse juízo. Alois Riehl, um dos primeiros professo-

res de filosofia a consagrar uma monografia a Nietzsche, enunciou-o, incidentalmente como conzinha, e sem nem mesmo pronunciar o nome do reprovado:

É trair uma incapacidade ainda maior para distinguir entre os espíritos associar Nietzsche e o parodista involuntário de Fichte, o autor da obra intitulada *O Único e sua Propriedade* — isso significa simplesmente associar escritos de uma força oratória quase singular, possuindo a força e a fatalidade do gênio, com uma bizarrria literária.<sup>5</sup>

Em oposição, Nietzsche desfrutou na maioria das vezes do respeito de seus próprios inimigos, como autor cheio de espírito, estilista brilhante e psicólogo penetrante. Assim, a questão “Nietzsche e Stirner”, que foi naturalmente colocada por razões polêmicas, teve, em torno de 1900, uma certa força explosiva (ver a seguir).

Hoje, já não se considera Stirner, evidentemente, — se, todavia, o conhecem — como um pária, mas simplesmente como uma figura marginal sem importância. Eis por que a maioria das obras consagradas a Nietzsche não o evocam mais de modo algum desde há muito tempo. Raramente encontramos um autor para tratar brevemente a questão “Nietzsche e Stirner”, e quando isso acontece, é para classificá-la novamente como insignificante. Quanto a questão de saber se Nietzsche conheceu ou não *O Único*, esta já não desempenha mais qualquer papel no caso. Qualquer que seja a resposta, Henning Ottmann dá, após um breve esboço, o seguinte resumo:

O horizonte espiritual de Nietzsche, da Antiguidade à época moderna, foi sempre dos mais amplos. Ele não teve afinidade espiritual com a *species anarchistica* pequeno-burguesa.<sup>6</sup>

Rüdiger Safranski também conclui seu capítulo sobre Stirner observando que Nietzsche terá sentido repulsa em relação ao “pequeno-burguês” Stirner.<sup>7</sup> Uma curiosa ambivalência é, no entanto, perceptível nos dois especialistas. Safranski fala do “silêncio extraordinário” de Nietzsche em relação a Stirner; Ottmann, de maneira infundada, de “uma das lendas mais inteligentes” sobre Nietzsche. Nem um nem outro preocupam-se, no entanto, verdadeiramente com esse tema, o que é em parte compreensível, quando se conhece a “recepção clandestina” de *O Único* (trataremos disso logo a seguir).

A marginalidade de Stirner, solidamente estabelecida há décadas, provocou uma atrofia dos conhecimentos, já magros desde sempre, sobre sua pessoa e suas idéias. Deve-se-lhe, entre outros resultados, as diferentes etiquetas — um Stirner jovem hegeliano, ou anarquista, ou niilista, ou solipsista — que, todas, adquiriram o direito de figurar e são utilizadas de maneira negligente e, em todo o caso, inexata. Tem-se um exemplo, interessante em nosso contexto, das conseqüências dessa ignorância em relação a Stirner, considerada como uma falta venial, na biografia de Nietzsche em três volumes de Curt Paul Janz, obra ainda hoje conceituada, por sinal, minuciosa e



aprofundada, e que foi revisada em vários pontos em suas reedições.<sup>8</sup> Janz, na meia página que consagra à questão “Nietzsche e Stirner” (ao lado de três páginas de documentos), cometeu quatro erros em parte graves. Bem mais: esses erros, na obra de referência mais conhecida sobre Nietzsche, não foram ressaltados até aqui, isso desde há duas boas décadas, — nem pelos especialistas nietzschianos de grande valor que ajudaram Janz em sua tarefa — entre os quais Karl Schlechta e Mazzino Montinari — nem por um amplo público, erudito ou não. Encontramo-los ainda, portanto, na última edição, igualmente revisada,<sup>9</sup> e é a razão pela qual nós a enumeraremos aqui brevemente:

1) Nas cartas de Köselitz a Overbeck concernente à questão “Nietzsche e Stirner” (III. pp. 343 e seg.) reproduzidas no livro, várias vezes aparece um certo Markay. Trata-se sem equívoco possível do biógrafo e editor de Stirner, John Henry Mackay, cujo nome é familiar a todos aqueles que conhecem Stirner de outra maneira que por ouvir dizer. Janz, que cometeu um erro de transcrição, não está em condição de identificar esse Markay nem, por consequência, dar seu prenome no índice onomástico.

2) Uma outra pessoa, que Janz manifestamente não conhece é Lauterbach, cujo nome aparece numa carta. Janz, por não conhecer seu prenome, chama-o simplesmente de “Herr” (“Senhor”) no índice. Trata-se, desta vez, de Paul Lauterbach, o editor da primeira edição “Reclam” de *O Único*.

3) Quando Janz trata, ele próprio, rapidamente da questão “Nietzsche e Stirner” (t. III, pp. 212-213), parafraseia um artigo de Resa von Schirnhofen, no qual uma publicação concernente a Stirner, publicada em 1894, é erroneamente datada de 1874. Janz não observa esse erro de impressão completamente evidente e faz, a partir dessa falsa data, uma hipótese naturalmente duvidosa.

4) Janz, retomando por sua conta, do próprio Nietzsche (e de maneira tão pouco crítica assim como todos os outros biógrafos do meu conhecimento) o episódio do nascimento do jovem para a filosofia, — a maneira como este se tornou, por assim dizer, de um dia para o outro, um discípulo entusiasta de Schopenhauer — constata certamente uma reviravolta decisiva na vida intelectual de Nietzsche na época de sua passagem de Bonn a Leipzig, mas não leva em consideração a causa fácil de adivinhar, isto é, a intensiva freqüentação, durante as duas semanas tendo-o imediatamente precedido, de Mushacke pai. Ele negligencia Eduard Mushacke, a quem toma por um personagem secundário, a ponto de atribuir-lhe no índice o prenome de Eberhard.<sup>10</sup>

### **3. Parêntese: a recepção clandestina de Stirner**

Tendo em vista o desprezo amplamente disseminado e a ignorância, ainda mais largamente difundida,

sobre Stirner, algumas das declarações feitas em relação a ele por eminentes pensadores fazem eriçar os cabelos. Ludwig Klages, por exemplo, viu-se obrigado, em seu estudo sobre Nietzsche, a “pensar” nesse autor — embora não acredite que Nietzsche o conheceu. Reconhece que esse “dialetista claramente diabólico procede amiúde de maneira mais radical, com menos desvios e uma maior precisão na vivissecção”, e que “ele apresenta assaz amiúde suas conclusões derradeiras de maneira mais concisa” do que Nietzsche, embora veja nele seu “oposto”, um oposto “a levar realmente a sério”. O que faz a enorme importância de Nietzsche, pois, “no dia em que o programa stirneriano se tornasse, ainda que fosse só a convicção deliberada de todos... seria aquele de ‘juízo final’ da humanidade.”<sup>11</sup> Um pensador de origem bem diferente, o marxista Hans Heinz Holz, vai no mesmo sentido quando adverte contra o “egoísmo stirneriano que, se ele conhecesse uma realização prática, conduziria ao auto-aniquilamento da raça humana.” Até mesmo o ex-marxista Leszek Kolakowski tem, ante *O Único*, essa visão apocalíptica: a “destruição da alienação, que é o objetivo de Stirner, portanto, o retorno à autenticidade, não seria outra coisa senão a destruição da cultura, o retorno à animalidade... o retorno ao estatuto anterior ao homem.” E prossegue Kolakowski: “O próprio Nietzsche parece fraco e inconseqüente em comparação a ele.”<sup>12</sup>

Roberto Calasso, laureado em 1989 do “Prêmio Nietzsche”, escreve:

Também ouvimos dizer em muitos lugares que devemos partir do fato segundo o qual um filósofo respeitável não pode ocupar-se de um fenômeno como Stirner [...] Stirner é doravante excluído da cultura [...] A presença de Stirner é particularmente perceptível... entre autores que silenciam em relação a ele ou falam dele em textos que nunca publicaram, por exemplo Nietzsche e Marx.

E Calasso também vê em *O Único* o “bárbaro artificial”, um “monstro antropológico” etc., a advertência fatídica (“Mané Thécel Pharès”) da civilização ocidental.<sup>13</sup>

É extraordinário que esses autores não tenham admitido Stirner digno de uma crítica argumentada, e que suas vigorosas palavras tenham sido na maioria das vezes enunciadas em lugares isolados e de maneira acessória ou acidental. Nossa escolha deveria bastar para atestar o fenômeno de uma recepção notoriamente intensiva, é certo, mas amplamente clandestina de Stirner. Isso encontra sua expressão principalmente em alusões sussurradas, contando com uma compreensão e uma concordância preliminares do leitor culto concernente ao caráter diabólico, hostil à cultura de Stirner, e à nocividade absoluta de suas idéias.

Em alguns autores, mais prudentes e mais disciplinados em seus escritos, mencionar Stirner parece ser um ato falhado: Edmund Husserl não o cita uma única vez em seus textos, cartas etc., e não por ter ignorado suas idéias ou as ter considerado insignificantes,

mas porque — como soubemos disso naturalmente por acidente — ele queria proteger seus alunos (e proteger-se a si mesmo?) de sua “força de sedução”.<sup>14</sup> Foi preciso a situação extrema da prisão para levar Carl Schmitt a dizer algo relacionado a Stirner que ele havia dissimulado desde sua juventude.<sup>15</sup> E, se Theodor W. Adorno reconhecia em círculo bem restrito que Stirner era aquele que “havia levantado a lebre”, evitou minuciosamente explicar-se com ele no plano dos argumentos, ou simplesmente mencioná-lo.<sup>16</sup> As razões não exprimidas de tais partidários — cujo número é dificilmente avaliável — são sem dúvida semelhantes àsquelas dos visionários apocalípticos evocados há pouco.

Outros autores mais recentes, como por exemplo Ottmann e Safranski já citados, estimam-se objetivos e superiores. Não deixamos de observar neles, no que concerne a Stirner, um ambivalente assombro que se esforçam — como havia feito de maneira prototípica o jovem Marx — para eliminar por meio da tese já assinalada do “caráter pequeno-burguês”.

O antagonismo absoluto desses pensadores em relação a Stirner — contrastado por esforços mais ou menos hábeis para que esse antagonismo não o revalorize — não dá lugar à dúvida. Se ele é encontrado mais freqüentemente entre os filósofos do que entre os teólogos, raramente levou um deles a exprimir-se de modo tão afirmado quanto o professor de filosofia da Basiléia, e precoce admirador de Nietzsche, Karl Joël, em seu *opus magnum*. “O Único”, escreve, é “o livro he-

rético mais desenfreado que a mão do homem escreveu” e Stirner fundou com ele uma autêntica “religião satânica”.<sup>17</sup> Joël apontou o essencial: “Stirner” é, para inúmeros pensadores não-teólogos, o nome de código do que é Satã para os teólogos. O que explica que eles não deixam entender senão vagamente ou só exprimem por inadvertência as razões de seu antagonismo absoluto; que as razões da escolha do método de defesa — o silêncio e a recusa da tribuna, flanqueados, se necessário, pelo desenvolvimento de uma teoria da superação adequada em cada um à sua própria tendência (o exemplo revelador aqui é o de Karl Marx) — não necessitem ser nomeadas, ou mesmo defendidas; que ninguém, enfim, peça para conhecer essas razões.<sup>18</sup>

Eis por que expus e descrevi, em meu livro *Ein dauerhafter Dissident* (Um dissidente durável), a história propriamente dita da influência de Stirner, enterrada sob o amontoado da literatura convencional que lhe foi consagrada, como a história de uma re(pulsão e de uma de)cepção. Começando com Feuerbach, Bauer, Ruge e Marx, ela compreende uma importante série de pensadores do final do século XIX e do começo do século XX, e prolonga-se em nossos dias até Jürgen Habermas.<sup>19</sup> Para concluir, será conveniente reconsiderar se o próprio Nietzsche não pertence a essa série de nomes eminentes.

#### 4. A questão “Nietzsche e Stirner” outrora

A questão de saber se e como, eventualmente, *O Único* influenciou Nietzsche, foi colocada pela primeira vez no começo dos anos 1890. Ela aparece em um contexto complicado com, por um lado, a crise final de Nietzsche e o começo, pouco tempo depois, de sua notoriedade repentina e imprevista, e, por outro, a primeira recepção do livro de Stirner que, após a breve sensação dos anos 1845-46, teve quase unicamente por teatro durante mais de quatro a cinco décadas o *underground* literário. A nova edição, em 1882, encontrou no público só silêncio. Foi só dez anos mais tarde que um renascimento de Stirner tornou-se possível, e, a bem da verdade, só como epifenômeno da popularidade de Nietzsche. Não se ousava, manifestamente, falar de um autor por tanto tempo “desaparecido” senão depois de ter descoberto, na pessoa de Nietzsche, aquele que o havia “superado”.

A questão da relação de Nietzsche com Stirner era completamente evidente e suscitou, assim que foi colocada, — como o mostraremos mais adiante de modo detalhado — um vivo interesse. Semelhanças surpreendentes entre os dois pensadores foram evidenciadas e conjecturou-se que o mais recente — Nietzsche — devia ter conhecido o mais antigo, conquanto não o tivesse citado em lugar algum. Após uma busca dos vestígios pela qual se deram muito trabalho, e cujos resultados foram muito pequenos, acabaram por deixar a questão sem alteração, tanto mais porque

seu objeto — lembremo-nos da sentença de Riehl tratada aqui — fazia aparecer todo esforço suplementar como supérfluo. Cem anos de pesquisa nietzschiana, bem como as edições históricas e críticas das próprias obras, da correspondência, das notas e dos fragmentos do filósofo não trouxeram nenhuma luz sobre sua relação com Stirner, de tal forma que o estado atual dos conhecimentos sobre essa questão é aproximadamente o mesmo daquele do ano de 1910. Ela “não recebeu”, constata Janz, “resposta definitiva até hoje” — o que, todavia, não significa que se deva ver nisso um convite à continuação dos esforços da pesquisa nietzschiana.

Talvez o esboço há pouco proposto da influência clandestina de Stirner sobre eminentes pensadores, de Marx a Habermas, bem como as descobertas apresentadas mais longe em detalhe sobre a biografia do jovem Nietzsche serão suscetíveis de despertar um interesse há muito extinto para essa questão. Podemos, com efeito, esperar que a resposta plausível que seja trazida não deva ser concebida como um ponto de detalhe da história da filosofia.<sup>20</sup> É, contudo, como tal que devemos de início reconsiderá-la, e, a bem da verdade, desde o começo.

#### 4.1. O Único no subterrâneo

Curiosamente, o aparecimento do livro de Stirner coincide quase exatamente com a data de nascimento



de Nietzsche, isto é, meados de outubro de 1844. Max Stirner (seu verdadeiro nome é Johann Caspar Schmidt, 1806-1856) vivia então em Berlim, onde freqüentava o círculo dito dos “jovens hegelianos”. Os teóricos deste círculo eram dois ex-teólogos hegelianos que haviam sido expulsos da Universidade por causa de sua crítica da religião: Bruno Bauer, em Berlim, e Ludwig Feuerbach na Francônia. Bauer tentava fazer admitir pela primeira vez na Alemanha as idéias da corrente atéia da filosofia francesa das Luzes. Feuerbach, de seu lado, também havia chegado, a partir de fontes alemães, a uma posição atéia. Foi então que entrou na liça Stirner, o “bárbaro artificial” segundo Calasso, adotando um ponto de vista que lhe permitia zombar esses dois ateus tratando-os de “almas devotas”. Stirner não tinha, no entanto, a intenção, com sua fulminante crítica das personalidades jovens hegelianas de primeiro plano, de prejudicar a renovação pós-hegeliana das Luzes — ele queria, ao contrário, conduzi-la a uma fase superior radicalizando-a. Os historiadores posteriores, sem levar em consideração a posição particular de Stirner, fizeram dele sem outra forma de processo um adepto do neo-hegelianismo, do qual eles se livravam, por sinal, catalogando-o em bloco como um simples “fenômeno de decomposição” da escola hegeliana. Isso, como acabamos de mostrar, não acertava seguramente as contas com *O Único*.

A crítica de Stirner foi de início um choque para os jovens hegelianos. Atacado, Feuerbach — que fala

numa de suas cartas de Stirner como “o escritor mais livre e mais genial que conheci”<sup>21</sup> — pegou a pena para defender-se. A réplica soberana de Stirner colocou o jovem discípulo de Feuerbach, que era naquele momento Karl Marx, numa situação que podemos com razão considerar como sua “crise inicial”. Distanciou-se de Feuerbach e, sem contudo aproximar-se de Stirner, escreveu febrilmente um furioso *Anti-Stirner*, encarniçando-se, frase após frase, contra *O Único*. Foi durante esse trabalho que germinou nele a idéia do “materialismo histórico”, a estrutura que ele tentará preencher, durante toda sua vida, por suas pesquisas econômicas. No entanto, temendo sem dúvida que pudesse ocorrer com o seu *Anti-Stirner* a mesma coisa que aconteceu com Feuerbach, Marx deixou seu manuscrito inédito.<sup>22</sup>

Desde 1847, antes mesmo do aparecimento dos signos anunciadores das insurreições de março de 1848, a chocante obra de Stirner era “esquecida”. Ao desfecho de 1848 sucedeu-se um clima político no qual a filosofia das Luzes atéia lançada pelos jovens hegelianos tornou-se tabu, e mais ainda, naturalmente, sua radicalização por Stirner. Os mais importantes protagonistas (Feuerbach, Bauer, Marx) já não eram eles próprios seus representantes e adaptaram-se, de uma maneira ou outra, às novas condições políticas.

Stirner, mergulhado numa situação de desespero material, morreu em 1856. Bem antes dessa data ele se tornara uma não-personalidade, um intocável, um pária do espírito. Até o final dos anos 1880 — um

lapso de tempo que coincide aproximadamente com o período de vida desperta de Nietzsche —, tratou-se publicamente muito pouco dele. Em contrapartida, pensadores como Schopenhauer, Hartmann e Lange, aos quais Nietzsche referia-se com freqüência em seus escritos e em suas cartas, conheceram o sucesso nos anos 1860. É possível que tivesse conhecido Stirner por intermédio deles?

Arthur Schopenhauer (1788-1860) nunca fez menção a Stirner. Eduard von Hartmann (1842-1906) fala apenas brevemente dele em sua primeira obra, que logo obteve sucesso, *Die Philosophie des Unbewussten*, 1869, mas é justamente o que pode surpreender, pois dá a entender ao leitor atento que depois de ter ele próprio partilhado o “ponto de vista” de Stirner, ele o superou escrevendo esse livro.<sup>23</sup> Friedrich Albert Lange (1828-1875) trata Stirner em sua célebre *Geschichte des Materialismus*, 1866, é verdade, de maneira concisa, porém em termos bem escolhidos. Após ter dito seu livro é “o que conhecemos de mais extremado”, ele o qualifica de “mal-afamado” e passa rapidamente, em seguida, afirmando sem outra forma de desenvolvimento que não mantém uma relação estreita com o materialismo.<sup>24</sup> As menções a Stirner nos livros de Hartmann e de Lange são as mais importantes dessas quatro décadas de clandestinidade, e elas o são especialmente aqui porque Nietzsche estudou essas duas obras com um zelo todo particular. Para o resto, pode-se manter manifestamente válida essa constatação de um contemporâneo desconhecido: “Max Stir-

ner — quanta calúnia e ódio este nome suscitou!... Sim, se alguém pode se queixar por ter sido ocultado, este alguém não é Schopenhauer, mas Stirner”.<sup>25</sup>

O clima intelectual mudou lentamente no começo dos anos 1880. Uma nova geração de homens de letras, que se declaravam “naturalistas” ou “realistas”, entrou na liça e quis ligar-se ao radicalismo por muito tempo caluniado e rejeitado antes da revolução de março de 1848. Os primeiros fascículos de *Kritische Waffengänge*, 1882, dos irmãos Julius e Heinrich Hart deram o sinal; simultaneamente, e com o mesmo editor, foi publicada a 2ª edição de *O Único*. Mas ainda era, manifestamente, demasiado cedo para esse livro “mal-afamado” e por tanto tempo mantido escondido: o público não falou dele. Os próprios jovens rebeldes literários não ousaram abordar Stirner.

Ele só foi introduzido na discussão alguns anos mais tarde, e de modo significativo, de início como espectro nas lutas de propaganda travadas entre as diferentes concepções do mundo. Friedrich Engels tentou em 1886 fazer dele o “profeta” dos anarquistas,<sup>26</sup> enquanto Eduard von Hartmann fazia dele, um pouco mais tarde, um instrumento de seu combate contra Nietzsche. Todos indícios que não enganam pelo fato de que Stirner era estava naquele momento geralmente desacreditado, sem que fosse necessário fundar esse descrédito. Engels e Hartmann estavam, com efeito, um e outro, seguros de atingir de maneira decisiva seus adversários fazendo-os passar pelos descendentes espirituais do pária mal-afamado.<sup>27</sup>

Entretanto, a partir de meado dos anos 1880, Nietzsche, cujos escritos eram até ali pouco conhecidos para além de seu círculo de amigos, conquistou um público mais vasto. Em certos círculos privados de admiradores do filósofo, *O Único* ou mais exatamente o silêncio de Nietzsche em relação a ele, deve ter feito necessariamente nascer uma irratção difusa. Esta talvez esteja na origem do pedido de informação, tão prudente quanto indiscreto e dissimulado sem embaraço em longa carta repleta de outras perguntas, de um correspondente vienense ao amigo de Nietzsche, Franz Overbeck: “Um conhecedor das obras de Nietzsche estranho ao nosso círculo emitiu a hipótese de que o libelo *O Único e sua Propriedade* de Max Stirner influenciou as concepções posteriores de Nietzsche.” Seria, com efeito, verdade?<sup>28</sup>

O próprio Nietzsche nunca se encontrou manifestamente, durante todo o período de sua vida no qual foi literariamente produtivo e intelectualmente consciente em situação de ser confrontado à questão, tão amiúde colocada mais tarde, de saber se ele conhecia *O Único*. E quando viu a celebridade próxima e ao alcance da mão, como se houvesse pressentido que tipo de perguntas seriam feitas ao homem que iria tornar-se célebre, retirou-se da vida intelectual no começo de 1889, sem ter pronunciado uma única palavra de sua relação com Stirner.

## 4.2. A descoberta de *O Único*

Os jovens partidários de Nietzsche também se irritaram quando Eduard von Hartmann, rompendo um silêncio precário, acusou Nietzsche de ter plagiado Stirner em um ponto essencial. A “nova moral”, tão admirada, de Nietzsche, escrevia Hartmann num artigo que provocou muito barulho, não traz, em fim de contas, “absolutamente nada de novo, ela foi apresentada desde 1845... por Max Stirner... de maneira magistral e com uma clareza e uma franqueza que não deixam nada a desejar.”<sup>29</sup>

O toque de tambor de Hartmann (um adversário de Nietzsche) foi o prelúdio de uma ampla discussão da questão “Nietzsche e Stirner” e do que se chamou de o renascimento stirneriano. Após quase meio século passado no subterrâneo literário, *O Único* reapareceu, no começo de 1893, graças aos enérgicos esforços de Paul Lauterbach (um admirador de Nietzsche) na “Universal-Bibliothek” de Reclam, o que lhe assegurou de imediato uma ampla difusão.

As segundas intenções que inspiraram Hartmann e Lauterbach são completamente instrutivas para a compreensão da questão “Nietzsche e Stirner”, pois, se de fato eles dedicaram-se efetivamente para tornar *O Único* conhecido, não eram de modo algum partidários de Stirner. Todavia, só podemos expor aqui esses motivos e essas atividades de maneira sumária.

Contrariamente a Nietzsche, Hartmann conheceu nos anos 1870 e 1880 um enorme sucesso como

filósofo e como escritor. Sua primeira obra, *Die Philosophie des Unbewussten* (A Filosofia do Inconsciente) apareceu em 1869 e foi imediatamente um *best-seller* que viria a conhecer doze edições. Apenas três das setecentas páginas do livro são consagradas a Stirner, o que é extraordinariamente pouco se pensarmos que esta obra é, em fim de contas, — como seu autor dá incidentalmente a entender — o resultado de seus esforços para superá-lo.

A reação de Nietzsche prova não apenas a fineza de seu senso psicológico e a segurança de seu olhar para discernir o essencial, mas também nos revela muito claramente seu comportamento numa confrontação com Stirner. Ela não lhe havia decerto escapado quando, em 1874, — o livro de Hartmann já se encontrava em sua 5ª edição — ele atacou, na segunda série de suas *Unzeitgemässe Betrachtungen* (Considerações Intempestivas), o “pequeno filósofo da moda” numa polêmica de ironia mordaz. Interessa-se precisamente naquela obra pelo capítulo do qual fazem parte as três páginas relativas a Stirner. O que mais surpreende é que ele não diz uma única palavra sobre este último, mas lê, cita, polemiza e argumenta com virtuosidade em torno dele. Hartmann, que havia partilhado poucos anos antes o “ponto de vista” de Stirner para superá-lo em seguida não sem alguns esforços, não terá seguramente deixado de logo observá-lo e pressentir em Nietzsche os mesmos esforços que os seus. Essa íntima solidariedade dos dois homens — bem como a falta de sucesso de Nietzsche junto ao

público — terão, então, impedido Hartmann de responder a esse ataque. Foi apenas quinze anos depois que, sentindo-se ameaçado pela repentina glória de Nietzsche, ele se servirá da arma da “contracrítica”.<sup>30</sup>

Paul Lauterbach (1860-1895) é sem dúvida aquele que, ao lado de Hartmann e do biógrafo de Stirner, Mackay, mais fez avançar o renascimento stirneriano. Tornou-se, por intermédio de seu amigo Heinrich Köselitz (que foi durante muitos anos, sob o nome de Peter Gast, uma espécie de secretário de Nietzsche) um dos primeiros nietzschianos entusiastas. Ele considerava seu enérgico engajamento para assegurar uma vasta difusão ao *Único*, publicando-o nas edições Reclam, como a primeira etapa de uma campanha estratégica planejada em favor de Nietzsche. Enquanto Hartmann havia utilizado Stirner para desacreditar Nietzsche e para apresentar-se como aquele que havia superado o “perigoso” Stirner, Lauterbach queria apresentar Nietzsche como o verdadeiro triunfador, o “grande sucessor de Stirner, aquele que havia desenvolvido e transformado seu pensamento de modo criativo.” Ele queria mostrar o grande perigo intelectual que representava *O Único* para ele também, a fim de recomendar Nietzsche ao público como aquele que era capaz de exorcizar Stirner: “Meu prefácio (ao *Único*)”, escrevia a Köselitz, “tem por único objetivo proteger os inocentes de sua influência, enganar e paralisar os maus com a ajuda de Nietzsche.”<sup>31</sup>

Foi principalmente em consequência dessas atividades opostas de Hartmann e Lauterbach que se



desenvolveu, em grande medida nas revistas culturais e em artigos de imprensa, uma viva discussão em torno da questão “Nietzsche e Stirner”. As comparações entre os escritos dos dois pensadores amiúde revelaram concordâncias e semelhanças, mas com igual freqüência desacordos graves e inconciliáveis. Muitos ficaram estupefatos com o fato de não aparecer em nenhum momento o nome de Stirner em Nietzsche; outros compreenderam que Nietzsche não queria comprometer-se inutilmente mostrando que conhecia Stirner — não era ele, como pensava a maioria, entre estes o professor de filosofia de Basiléia Friedrich Herman, “um pensador muito mais fino, distinto e espiritual, de visão mais vasta e mais elevada, cujos objetivos e fins últimos elevavam-se muito acima dos pensamentos de Stirner, que não abandonavam o limo lodoso da vida”?<sup>32</sup>

### **4.3. Uma questão permanecida sem resposta definitiva**

Os amigos e conhecidos mais próximos de Nietzsche ficaram naturalmente consternados. Nenhum deles lembrava-se de tê-lo ouvido pronunciar o nome de Stirner. Há dúzias de cartas testemunhando inquietação entre seus amigos. Compreendia-se bem, decerto, por que Nietzsche não havia falado publicamente de Stirner, mas por que — malgrado sua grande “expansividade habitual” (Overbeck) — nunca o

tinha evocado, inclusive nos círculos mais íntimos? Só Ida, a mulher de Overbeck, lembrava-se em 1899 de uma conversa que tivera com ele — aproximadamente vinte anos antes —, durante a qual lhe teria escapado que se sentia em afinidade de espírito com Stirner:

Uma certa solenidade manifestou-se em seu rosto. Como eu observava atentamente sua expressão, eu a vi modificar-se de novo; ele fez uma espécie de movimento com a mão, como se afastasse algo ou se defendesse, e murmurou: “Bom, acabei te contando, e, no entanto, não queria falar disso. Mas esqueça isso! Falarão de um plágio — não tu, sei disso.”<sup>33</sup>

Houve, enfim, uma declaração de Adolf Baumgartner, o aluno preferido de Nietzsche durante seus começos na Basiléia, que, todavia, viria a afastar-se dele pouco depois. Tornado entretantes professor de história antiga nessa cidade, recordava-se ter tomado emprestado *O Único*, em 1874, da biblioteca da universidade e reconhecia tê-lo feito aconselhado por Nietzsche. Esse empréstimo pôde ser verificado no antigo registro dos empréstimos da biblioteca. Baumgartner nada disse sobre sua leitura e de suas eventuais conseqüências, do mesmo modo que não falou de conversações com Nietzsche relativas a esse assunto, ainda que tenha se recordado, vinte e cinco anos depois, do livro e das palavras pelas quais Nietzsche lho recomendou (“É a coisa mais conseqüente que temos”). Talvez

sua enigmática declaração posterior, segundo a qual Nietzsche teria “de início girado (nele) a grande roda no outro sentido” reporte-se a esse acontecimento.<sup>34</sup>

Elisabeth, a irmã de Nietzsche, não se cansou, em contrapartida, de coletar “contra-evidências”, tentando obter de todos os amigos e conhecidos acessíveis de Nietzsche a confirmação escrita segundo a qual o filósofo nunca havia falado de Stirner diante deles.<sup>35</sup> Mazzino Montinari, a par, graças a seu conhecimento preciso dos arquivos de Nietzsche dos esforços de Elisabeth, ficou perplexo em consequência de sua apreciação convencional de Stirner, ante suas “inexplicáveis razões”.<sup>36</sup> Ele estava totalmente longe de desconfiar que o zelo de Elisabeth tivesse podido ser nutrido por seu conhecimento secreto do papel de Stirner no desenvolvimento do pensamento de Nietzsche. Ela contestou, em todo o caso, com veemência em vários artigos que Nietzsche tivesse tido qualquer conhecimento de *O Único* e mostrou-se, contudo, assaz inteligente para não mais abordar esse tema assim que o interesse público pela questão cessou.

Franz Overbeck, sem dúvida o amigo de Nietzsche mais compreensivo, mais confiável e mais capaz de julgar, chegou, após um exame extremamente minucioso de todos os aspectos da questão, à seguinte conclusão:

Que Nietzsche tenha se conduzido de maneira curiosa em relação a Stirner, está fora de dúvida. Mas se ele não deu, quanto a isso, livre curso à sua grande expansividade habitual, não foi, com toda

certeza, para dissimular uma influência qualquer sobre ele (influência que, no sentido exato do termo, não existe), mas porque sem dúvida preferia, de uma maneira geral, livrar-se, para ele próprio e por si mesmo, do efeito que Stirner tivera sobre ele. Em conseqüência, afirmo que Nietzsche leu Stirner. Isso pode provocar simplesmente, para adversários de seus livros, a acusação de plágio, que será a última idéia que terão aqueles que o conheceram pessoalmente.<sup>37</sup>

## 5. A crise inicial de Nietzsche

### 5.1. A euforia berlinense

Overbeck deu, contrariamente a Elisabeth Förster-Nietzsche, uma resposta diplomática à questão “Nietzsche e Stirner”. Admite a leitura de Stirner, mas dela não extrai nenhuma conclusão, bem como de sua “curiosa” dissimulação. Essa resposta foi geralmente aceita, quando a controvérsia terminou, como a última palavra sobre o caso. Ela não teve conseqüência sobre a interpretação de Nietzsche e logo saiu, com a própria questão, do campo visual da maioria dos pesquisadores. A exemplo de Overbeck, especialistas posteriores de Nietzsche, na medida em que ainda vieram a falar de Stirner, não explicaram a relação que Nietzsche tinha com ele, mas consideraram haver tratado do assunto depois de uma breve exposição histórica — revelando, por sinal, em muitos lugares e por

uma pincelada final precipitada e abrupta (Stirner = pequeno-burguês), uma ambivalência que eles não conseguem rechaçar inteiramente.<sup>38</sup> Até mesmo considerações mais diferenciadas, como por exemplo aquelas de Hermann Schmitz,<sup>39</sup> classificam o assunto sem desenvolvimento. O que se salta, todas as vezes, é precisamente o que os autores concernidos pela recepção clandestina de Stirner (dos quais o próprio Nietzsche?) ressentiram como o aspecto monstruoso, bárbaro, satânico etc. de *O Único* e nem estudaram de maneira aprofundada, nem rejeitaram por argumentos, mas “superaram” de maneira indireta.

Frivolizar ou diabolizar; dissertar sem ter a mínima idéia ou nada dizer porque se está repleto de pressentimentos — quem quer que esteja familiarizado com a história da re(pulsão e de)cepção de *O Único* conhece suficientemente tudo isso e pode, portanto, contentar-se com a resposta habilmente manobrada de Overbeck. Vê nela preferencialmente uma incitação a prosseguir suas pesquisas sobre a questão “Nietzsche e Stirner” — sem dúvida não na via tomada sem sucesso até aqui, que consistiu em seguir os inúmeros vestígios de *O Único* que podem ser encontrados, mais ou menos apagados, na obra de Nietzsche. Conquanto fosse possível mostrar de modo plausível que este último plagiou certas idéias de Stirner, isso não teria em si, hoje, mais nenhuma importância. Em contrapartida, importantes conseqüências poderiam surgir, se fosse possível fundar a hipótese segundo a qual a confrontação com Stirner teria desenca-

deado em Nietzsche a crise intelectual “inicial” que teve por saída seu nascimento como filósofo.

Assim, é preciso colocar, para começar, as duas questões conexas seguintes: em que momento Nietzsche teve verdadeiramente conhecimento da obra de Stirner e quais conseqüências imediatas desse encontro podemos reconstruir de maneira demonstrável? Nós nos deteremos aqui no exame dessas questões, deixando de lado aquele das conseqüências posteriores.

A julgar pelos testemunhos de Ida Overbeck e Adolf Baumgartner, o encontro de Nietzsche com *O Único* ocorreu antes de 1878, ou mesmo antes de 1874. Na maioria das vezes supôs-se que ele foi levado a lê-lo pelas passagens citadas por Hartmann (1869) ou Lange (1866). Entretanto, um exame mais minucioso da obra, da correspondência e de outros materiais biográficos conduz a pensar que Nietzsche já havia tomado conhecimento da obra nessa época e que ele se esforçava para guardar para si essa descoberta. Além disso, paralelos com a recepção de Stirner por diferentes pensadores, de Marx a Habermas, onde ocorreu o encontro no começo da carreira filosófica e acompanhou-se manifestamente de uma crise, orientam o olhar para o mês de outubro de 1865. A maioria dos biógrafos constata uma grave crise nessa data, mas eles negligenciam seu estudo em detalhe e descrevem-na, sem qualquer espírito crítico, segundo um texto autobiográfico.<sup>40</sup> Convém analisá-lo de mais perto. Que Nietzsche tenha então descoberto *O Único*

e que esse livro tenha desencadeado sua crise — esta suspeita pode ter fundamento?

Seria conveniente, de início, colocar a seguinte questão: Nietzsche teria eventualmente descoberto *O Único* antes do mês de outubro de 1865 — talvez durante o ano que ele passou em Bonn? Théophile Droz (1844-1897), um de seus colegas de estudos durante esses dois semestres, recorda-se que nessa época o livro “mal-afamado” de Stirner circulava no meio estudantil.<sup>41</sup> Todavia, um encontro de *O Único* nessa data só poderia ser superficial, em caso contrário, com efeito, *Leben Jesu* (Vida de Jesus) de David Friedrich Strauss, que Nietzsche leu durante as férias de Páscoa, em 1865, não teria causado nele a forte impressão que lhe deu a força para afrontar sua devota família, renunciar à teologia etc. Não existe igualmente nenhum indício que permita dizer que Nietzsche tenha se ocupado de Stirner durante todo o período que se estende até ao fim do mês de setembro.

É verdade que o jovem Nietzsche parece ter ficado fascinado pelo espírito da época que precedeu a revolução de março de 1848, ela própria reprovada e tornada tabu posteriormente. Antes ele já se interessara por Feuerbach. No momento em questão, setembro de 1865, ele deplora numa carta a seu amigo Raimund Granier a senilidade e a “filistinidade” de sua geração e entusiasma-se por esse “tempo em que o espírito era tão ativo”, há vinte anos, uma época na qual teria amplamente preferido viver. Durante as férias universitárias, antes de transferir-se de Bonn

para Leipzig, ele está de início com sua família, em Naumburg, mas já contava há muito com uma estada de duas semanas com a família de seu amigo Hermann Mushacke, em Berlim. Ele escreve:

Minha vida atual é uma preparação para Berlim, como nossa existência terrestre à futura existência celeste; para o café, consumo um pouco de filosofia hegeliana e, se tenho pouco apetite, tomo algumas pílulas straussianas.<sup>42</sup>

Seria necessário ainda explicar por que Nietzsche aguardava febrilmente essa visita aos pais de Hermann. Ele é hóspede da família Mushacke, em Berlim, de 1<sup>o</sup> a 17 de outubro de 1865. Sabe-se só de maneira fragmentária o que fez e viveu ali. Ele é manifestamente demasiado absorvido para escrever à sua família. É apenas alguns dias depois de sua partida, em 22 de outubro, que ele conta brevemente à sua mãe, ao final de uma carta enviada de Leipzig: “Tive em Berlim uma vida extraordinariamente plena de amizade e prazeres. O velho Mushacke é o homem mais amável que encontrei. Nós nos tuteamos.” E, em sua exuberância, acrescenta: “Para meu [21<sup>o</sup>] aniversário, bebemos à vossa saúde no champagne” [sic!].

As duas semanas passadas em Berlim teriam transportado Nietzsche, após o sombrio adeus de Bonn, a um estado de euforia. A causa disso é manifestamente o encontro, aguardado em grande e jubilosa exaltação, com o pai de Hermann, Eduard Mushacke,



um veterano dessa época anterior a março de 1848, “em que o espírito era tão ativo”. Ele não podia escrever à sua mãe, após o choque da Páscoa, o que significava para ele esse encontro. Escreve em seu diário — que ele queimará pouco depois, para que nada lhe recorde mais esses dias. Por isso, hoje ainda sua experiência com Mushacke só pode ser reconstruída em linhas gerais.

Em Leipzig, ainda se encontra, no início, arrebatado pela euforia berlinense. Logo após a sua chegada, em 19 de outubro, escreve uma carta a Eduard Mushacke, seu novo e “muito estimado” amigo, a quem lhe era permitido tutear e ao qual ele teria preferido dizer “meu pai”. Após uma passagem na qual lhe exprime seus “sentimentos de cordial gratidão”, ele passa ao tom da conversação para concluir por essas palavras que, agora tingidas de leviandade e ironia em relação à sua própria pessoa, ainda são levadas pela exaltação que o encontro com Eduard Mushacke havia feito nascer nele:

Faz hoje cem anos que o estudante W. Goethe inscrevia-se na Universidade. Temos a modesta esperança que, quando cem anos tiverem novamente transcorrido, também se lembrem de nossa inscrição.

Dir-se-ia que Nietzsche levou de Berlim algum projeto ambicioso ao qual E. Mushacke o teria de certo estimulado, pois ele prossegue: “Não seria exce-

lente que teu nome fosse assim imortalizado?...” O que não era um simples gracejo, e o jovem entusiasta decerto não pensava na filologia, em cuja malha ele logo iria lançar-se.

## 5.2. A depressão de Leipzig

O efeito euforizante das duas semanas berlinenses, cuja causa resta ser descoberta, foi de curta direção. Em 20 de outubro, Nietzsche, ainda de bom humor, põe em execução uma intenção que ele nutria havia dois meses — abandonar a “Francônia”, a associação de estudantes da qual era membro. Pouco depois, contudo, energia e entusiasmo desapareceram completamente e ele caiu abruptamente em profunda depressão.

Não se tem testemunhos autênticos sobre essa crise, sob forma de cartas ou diários íntimos. Chegou-nos só um texto autobiográfico intitulado “Rückblick auf meine zwei Leipziger Jahre, 17.Oktober 1865 bis 10.August 1867” (Olhar retrospectivo sobre meus dois anos em Leipzig, 17 de outubro de 1865 a 10 de agosto de 1867). Nietzsche descreve neste texto inicialmente as duas semanas passadas em Berlim antes do 1º de outubro, e isso sob cores que em nada correspondem àquelas dos raros testemunhos autênticos. Segundo este texto, essas jornadas teriam sido incontestavelmente sombrias. Ele teria estado de mau humor em sua chegada, e

nossas conversações também nutriram minha armadura. Foram os sarcasmos do excelente Mushacke (sênior), suas observações sobre a administração universitária, sua cólera contra a “Berlim judia”, suas recordações do tempo dos jovens hegelianos — em resumo, todo o clima pessimista característico de um homem que muito viu por trás dos bastidores, que trouxeram novos alimentos a meu estado de alma. Aprendi, então, a ver em preto com prazer...

Nietzsche em seguida descreve como, ao final do mês de outubro de 1865, descobria Schopenhauer e a filosofia:

Encontrava-me então suspenso entre céu e terra, com algumas experiências e decepções dolorosas, solitário e sem qualquer ajuda, sem princípios, sem esperança e sem agradável lembrança.

E, prossegue, foi puramente por acaso que se deparou, numa loja de livros usados, com a obra-prima de Schopenhauer. Um espírito maléfico murmurou-lhe que ele devia comprar o livro desse “tenebroso gênio”, que lhe era até aquele momento “totalmente desconhecido”. Schopenhauer havia-o de imediato arrebatado e levado a entregar-se a exercícios plenos “de um sombrio desprezo de si” e a excessos de “desagregação” e ódio de si mesmo:

Não faltaram os próprios tormentos corporais. Foi assim que eu me obriguei durante quinze

dias a ir deitar-me só às duas horas da manhã para levantar-me pontualmente às seis.

Viu-se em perigo de perder a razão: “Uma excitação nervosa apoderou-se de mim, e quem sabe até que grau de loucura eu teria ido...” Essas mortificações, a severa obrigação de estudos regulares e as idéias de Schopenhauer ajudaram-no, enfim, a libertar-se dessa terrível situação. As semanas e os meses seguintes viram-no “nascer para a filologia.”<sup>43</sup> A bem da verdade, ele se tornou filólogo sob pressão de sua aflição interior e de fatores exteriores — o que nasceu nele, então, foi um filósofo apaixonado.

Assim como tão freqüentemente em Nietzsche, esse relato é uma mescla de franqueza e maquiagem, sinceridade e jogo de máscaras. Ele foi escrito com a segurança que dá o recuo, após uma estabilização pessoal num círculo de admiradores de Schopenhauer e de amigos da associação dos filólogos. Nietzsche também quis queimá-lo mais tarde, e sua irmã impediu-o de fazer.<sup>44</sup> É, contudo, notório que ele queimou os “diários repletos de inquietude e melancolia dessa época” — outubro e novembro de 1865 —, no curso da qual ele temera mergulhar na loucura. Eles talvez tivessem fornecido indicações quanto ao que silencia em sua descrição posterior camuflando-o por trás da comunicação aparente e da enumeração de alguns detalhes desagradáveis para sua pessoa — a saber, o que verdadeiramente desencadeou esse desmoronamento psíquico, mergulhando-o, talvez, num estado

muito próximo de uma autêntica psicose, a causa profunda de sua primeira grande crise existencial, que foi ao mesmo tempo a crise inicial do filósofo Nietzsche.

Podemos esperar que uma elucidação dessa crise inicial seja suscetível de fazer progredir uma interpretação “adequada a Nietzsche” (Hermann Josef Schmidt) de sua obra e fornecer uma orientação no “labirinto de sua enfermidade” (Pia Daniela Volz). Nenhum daqueles que conhecem em detalhe as reações — que apenas evocamos aqui — de inúmeros pensadores relativas a Stirner será afetado nem ficará perplexo pelo termo “demônio” — “emissário da esfera onde Nietzsche iria penetrar vinte anos mais tarde” (Curt Paul Janz)<sup>45</sup> — na leitura de uma nota errática de Nietzsche datando dessa época:

O que temo não é o pavoroso personagem atrás de minha cadeira, mas sua voz; não as palavras, mas o tom terrificantemente inarticulado e inumano do personagem. Sim, se ao menos ele falasse como falam os homens!<sup>46</sup>

Todos os biógrafos de Nietzsche que conheço não consideraram, curiosamente, como um problema o lamentável estado no qual Nietzsche encontrava-se naquele momento, por pouco que eles tenham apenas observado. Essa primeira quinzena do mês de outubro de 1865 permaneceu página branca. Viu-se e ainda se vê na crise do final do mês a repercussão dos proble-

mas que ele havia conhecido durante os dois semestres em Bonn, da perda da fé e da decisão que ele tomou, então, e que ia de encontro às expectativas de sua família, de em nenhum caso estudar teologia. O próprio Werner Ross, que vê com ceticismo a “formidável dramatização” que faz Nietzsche de sua experiência de ressurreição schopenhaueriana,<sup>47</sup> não concebe qualquer suspeita e não avança na busca. Como os biógrafos de Nietzsche o fazem em geral, ele não presta atenção na etiqueta “jovem hegeliano” nem na relação com Eduard Mushacke, relação que foi de uma singular intensidade e que conheceu um fim abrupto.

### 5.3. Eduard Mushacke?

Um exame escrupuloso e enfático do material biográfico existente mostra em inúmeros pontos que convém buscar a causa imediata da crise inicial do filósofo Nietzsche na estada que ele fez em Berlim na primeira quinzena do mês de outubro de 1865, ou mais exatamente em seu encontro com Eduard Mushacke. Quem era, pois, esse personagem?

Eduard Mushacke é uma figura à qual a pesquisa nietzschiana não deu até aqui a nenhuma atenção. Ele só é mencionado excepcionalmente nos índices dos livros e revistas consagradas ao filósofo. Janz nomeia-o negligentemente “Eberhard”. *La Nouvelle Chronique Nietzscheenne du Jubilé* (853 p., Éditions DTV, 2000)

ignora inclusive as datas de seu nascimento e de sua morte, e os dicionários biográficos não o mencionam. Janz, seguindo nisso uma indicação de Nietzsche, faz dele um professor, o que é sem dúvida exato, mas não se enquadra absolutamente com o entusiasmo suscitado por sua personalidade no jovem, que se liberava justamente naquele momento de tudo o que o havia atado até ali.

A ignorância contínua de Mushacke na pesquisa nietzschiana está em ligação com a ignorância geral de Stirner, tal como já o descrevemos. Foi ocupando-me deste último que encontrei, na biografia que lhe consagrou J. H. Mackay, uma pista conduzindo a Mushacke. Ali, com efeito, é brevemente citado duas vezes um professor de escola normal de nome Mussak, que, membro do “círculo íntimo” dos jovens hegelianos berlinenses, era um “bom amigo” de Stirner.<sup>48</sup> Mackay trazia essa informação da garantia de um outro membro desse círculo, a saber, Friedrich Engels. Esse “Mussak” sem nome era o mesmo personagem Eduard Mushacke? Pesquisas realizadas nos anuários e as listas nominativas permitiram concluir que esse sobrenome — Mussak — não existia naquela época na região berlinense. Outras pesquisas nos arquivos trouxeram enfim a certeza de que Engels havia ortografado o sobrenome de maneira fonética. Em fim de contas, foi possível certificar-se, tendo por base inúmeros documentos, que o amigo de Stirner nomeado por Engels era exatamente o professor doutor E. Mushacke (1812-1873). Resultado que iria confirmar uma

outra pesquisa, feita por acaso quase simultaneamente, mas independentemente de mim, e não tendo Nietzsche por objeto.<sup>49</sup>

Pode-se igualmente deduzir sem grande dificuldade o que o encontro com E. Mushacke deve ter significado para Nietzsche a partir dos comentários que nos chegaram. Em sua carta a Granier, em setembro de 1865, já evocada, Nietzsche, que acabara de escapar da “solidão gritante, dessa plenitude oca, dessa senil juventude” de seus colegas de estudos de Bonn, ainda se queixava nos seguintes termos:

Os homens que podemos amar e estimar, mais ainda os homens que nos compreendem, são ridiculamente raros. Mas é nossa culpa, viemos ao mundo vinte ou trinta anos demasiado tarde...

Por muito tempo regozijou-se por ter encontrado um homem que fora jovem no tempo desse “jovem hegelianismo” reprovado, e mesmo transformado em tabu desde os anos 1850 — um tempo que ele admirava pela “vivacidade bem particular de seu espírito”. Preparara-se para esse encontro por suas leituras em Naumburg, durante as férias. E foi com esse E. Mushacke — um veterano dessa época que logo se tornou amigo desse jovem que partiu ao assalto do céu e propôs-lhe tuteamento — que ele passou em seguida duas semanas.

Não é absolutamente pensável que Mushacke não tivesse falado de seu amigo Stirner a um Nietzsche



simultaneamente interessado e competente; que não tivesse *O Único* em sua biblioteca e que Nietzsche não tivesse devorado lá essa obra. Leu nessa obra — logo após, graças à crítica da religião de Feuerbach e Strauss, talvez, também, à crítica dos Evangelhos de Bauer, abriu um caminho ao ateísmo — como, por que e em que sentido esses ateístas eram “gente devota”. Leu sobre a morte de Deus, sobre imoralismo, niilismo etc. Viu como alguém se colocara “para além do Bem e do Mal” e havia “filosofado com um martelo” — isso, para um ser altamente sensível como Nietzsche uma superdose intelectual mal assimilável. À embriaguez mental que ela suscitou nele sucederam-se um verdadeiro desmoronamento, a autoterapia, a crise inicial, a fuga na filosofia de Schopenhauer, de um lado, e, por outro, na “insensibilidade estúpida... em razão de meu trabalho de lenhador filólogo”.<sup>50</sup> Ainda que Nietzsche nunca tenha falado posteriormente dessa “época outrora admirada de atividade do espírito”, não deixou de realizar o grande projeto evocado, de maneira ainda eufórica, em sua carta de 19 de outubro a E. Mushacke — a bem da verdade, de modo invertido. Não continuou a filosofia das Luzes atea e radical preparada pelos Jovens hegelianos e iniciada por Stirner — ele a “superou”.<sup>51</sup>

Após sua dupla fuga, Nietzsche interrompeu a relação estabelecida na exuberância com E. Mushacke, de modo certamente abrupto mas não espetacular. Ele não mais lhe escreveu, pedindo a seu filho Hermann, nas cartas que lhe enviou ocasionalmente,

para saudá-lo com a mesma fórmula de outrora, antes de sua fraternização com ele, e como se nunca tivessem se encontrado: “Expressa minha estima a teus pais” ou “Saúda teus caros pais!” Nietzsche não o visitou, até onde se sabe, em suas raras viagens posteriores a Berlim. De seu lado, o veterano “jovem hegeliano”, que entrara, após seus anos loucos, no porto seguro de uma carreira no ensino de Estado, não quis mal a Nietzsche por isso. E Mushacke júnior, a quem Nietzsche qualificava de “homem amável”, não parece, segundo toda aparência, ter notado algo da grande crise que foi talvez a mais importante guinada na carreira de seu colega de estudos.

## 6. Epílogo

A resposta dada aqui sob uma forma concisa à questão “Nietzsche e Stirner”, que até hoje não obteve resposta, funda-se sobre a descoberta que Eduard Mushacke, o pai de Hermann Mushacke, colega de estudos de Nietzsche em Bonn, era amigo pessoal de Max Stirner, o autor do livro “mal-afamado” (F. A. Lange) *Der Einzige und sein Eigentum* (1844). Ela consiste na hipótese facilmente concebível segundo a qual o jovem Nietzsche, que mostrava um vivo interesse pela filosofia crítica da religião da época que precedeu a revolução de março de 1848, e reprovada depois desta, teria sido confrontado, durante sua estada de duas semanas com os Mushacke, em outubro de 1865, com

a obra de Stirner. Segundo ela, ainda, essa experiência vivida teria mergulhado Nietzsche em grave crise existencial psicoespiritual, durante a qual se definiu sua vocação de filósofo. Essa hipótese de uma crise inicial do filósofo deve sua plausibilidade em primeiro lugar aos testemunhos biográficos de Nietzsche (igualmente sob a forma “negativa” dos vestígios obliterados de Stirner na obra de Nietzsche e na sucessão); em segundo lugar, à análise do desenvolvimento ulterior da história das idéias (tratamento da questão “Nietzsche e Stirner”, reações a Stirner de outros pensadores importantes).

Podemos, sem dúvida, constatar a identificação de E. Mushacke como amigo de Stirner como um detalhe secundário, qualificar todas as conseqüências que são dela deduzidas de especulações e recusá-las. O valor heurístico de minha reconstrução, a nova perspectiva que ela abre para a obra de Nietzsche, sua vida e, eventualmente, sua crise final, só pode ser reconhecida por aqueles que tiverem afastado de seu campo visual obstáculos maciços: o desprezo convencional por Stirner e a ignorância da história, amplamente clandestina, da re(pulsão e de)cepção de *O Único* — uma história que desmente esse desprezo de singular maneira.<sup>52</sup>

## NOTAS

<sup>1</sup> Friedrich Nietzsche. *Aus dem Nachlass 1884-85*, Fragment Nr. 34 [232], April-Juni 1885. In ders: *Sämtliche Werke*, KSA (Hg. Colli/Montinari), Band 11, p. 498.

<sup>2</sup> Citemos, entre as obras recentes:

Pia Daniela Volz. *Nietzsche im Labyrinth seiner Krankheit*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 1990;

Richard Schain. *The Legend of Nietzsche's Syphilis*. Westport CT (USA): Greenwood Press, 2001 (Contributions in Medical Studies, Nr. 46).

Enquanto Vols faz sua — em seu livro, preciso antes de tudo como compilação de todos os documentos importantes — a opinião disseminada desde Möbius (1902), segundo a qual o desmoronamento de Nietzsche teria tido causas exógenas (sífilis no estágio terciário, paralisia progressiva), o neurologista e psiquiatra Schain, examinando de um ponto de vista crítico a literatura existente sobre o assunto, tem, como seu colega Louis Corman (*Nietzsche, Psychologue des Profondeurs*. Paris: Presses Universitaires, 1982), esse diagnóstico como “insustentável” e defende a posição de causas endógenas.

<sup>3</sup> Estudou-se e estuda-se ainda a evolução de Nietzsche no transcurso de sua infância e de sua adolescência até nos mínimos detalhes. Assim, nos últimos anos, Hermann Josef Schmidt, professor de filosofia na Universidade de Dortmund, tentou particularmente, nos quatro volumes de 2.500 páginas, descobrir o Nietzsche manifestamente ainda e sempre “escondido” (após um século de pesquisas nietzschianas): *Nietzsche absconditus, oder: Spurenleses bei Nietzsche*. 4 Bände. Aschaffenburg: IBDK, 1991-1994. Todavia, Schmidt detém-se precisamente em 1864, portanto, pouco antes da crise inicial de Nietzsche e escruta desde então, com sua meticulosidade

habitual, a possível relação de Nietzsche com o poeta Ernst Ortlepp (*Der alte Ortlepp war's wohl doch, oder: für mehr Mut, Kompetenz und Redlichkeit in der Nietzsche interpretation*. Aschaffenburg: Alibri, 2001, 440 p.).

O fato de Schmidt limitar suas pesquisas aos anos anteriores a 1864 é tanto mais extraordinário porque apresentei, em 5 de julho de 1991, no “Erstes Dortmunder Nietzsche-Kolloquium” por ele organizado, minha descoberta biográfica concernente à crise inicial de Nietzsche de outubro de 1865.

<sup>4</sup> Friedrich Nietzsche. *Rückblick auf meine zwei Leipziger Jahre* (17. Oktober 1865 bis 10. August 1867). In: ders.: *Werke in drei Bänden*, hg. v. Karl Schlechta, München: Hanser, 1954ff. Dritter Band, pp. 127-148.

<sup>5</sup> Alois Riehl. *Friedrich Nietzsche – der Künstler und der Denker*. Stuttgart: Frommann, 1897, p. 81.

<sup>6</sup> Henning Ottmann. *Philosophie und Politik bei Nietzsche*. Berlin: Walter de Gruyter, 1982, p. 309.

<sup>7</sup> Rüdiger Safranski: *Nietzsche. Biographie seines Denkens*. München: Hanser, 2000, pp. 122-129 (edição francesa, 2000, Actes Sud, Arles).

No que concerne ao motivo do capítulo consagrado a Stirner no livro de Safranski, ver: Bernd A. Laska. **Den Bann brechen! – Max Stirner redivivus**. Teil 2: **Über Nietzsche und die Nietzscheforschung**. In: *Der Einzige*. Vierteljahresschrift des Max-Stirner-Archivs Leipzig, Nr. 4 (12), 3. November 2000, pp. 17-23.

<sup>8</sup> Curt Paul Janz. *Friedrich Nietzsche. Biografie in drei Bänden*. München: Carl Hanser, 1978-1979 (edição francesa 1984-85, Gallimard, Paris).

<sup>9</sup> Apareceram já no tomo 3 (pp. 443-446) dos *Suppléments et corrections* nos tomos 1 e 2. Na 2ª edição por Hanser, houve

outras correções e complementos, pois, assim como Janz escreveu num artigo publicado separadamente e intitulado “Suppléments à la biographie de Nietzsche” (*Nietzsche Studien*, 18 (1989), pp. 426-431), o público tendo manifestado grande interesse por sua obra, inúmeros “textos provenientes de coleções particulares comumente pouco acessíveis ou conjecturáveis” foram colocados à sua disposição. Várias edições da obra apareceram desde 1981 em “dtv” e, em último lugar, em 1999 nas edições “Zweitausendeins”.

<sup>10</sup> Encontramos ainda esses erros na última edição, uma vez mais completada, publicada em “Zweitausendeins”. No que concerne às correções dessa edição e das precedentes, conferir a breve exposição de Richard F. Krummel in *Germanic Notes and Reviews*, 32, 2 (Fall/Herbst, 2001), p. 200.

<sup>11</sup> Ludwig Klages. *Die psychologischen Errungenschaften Nietzsches*. 1925. Citado segundo 3. Aufl., Bonn: Bouvier, 1958, pp. 58-61.

<sup>12</sup> Os dois citados segundo Bernd A. Laska: *Ein dauerhafter Dissident. 150 Jahre Stirner “Einzigster”. Eine kurze Wirkungsgeschichte*. Nürnberg: LSR-Verlag, 1996 (*Stirner-Studien*, Band 2), pp. 88 f.

<sup>13</sup> Roberto Calasso. *Der Untergang von Kasch*. (it. Orig., 1983) *Aus dem Italienischen von Joachim Schulte*. Frankfurt/M: Suhrkamp-Verlag 1997, pp. 312-314; (edição francesa *La ruine de Kasch*, Paris, Gallimard, 2002).

Ainda é preciso citar aqui Ronald Paterson, autor da primeira — e até hoje última — monografia sobre Stirner no espaço cultural anglo-saxão (1971), que resultou igualmente na seguinte conclusão: “Uma sociedade, na qual a indiferença egocêntrica tornar-se-ia o comportamento geral, seria uma sociedade à beira da desintegração.”

Conferir Paterson, Ronald W. K.: *The Nihilistic Egoist Max Stirner*. London: Oxford University Press, 1971, p. 316.

<sup>14</sup> Husserl-Archief te Leuven, Manuscript F 128, S. 118.

<sup>15</sup> Conferir Bernd A. Laska: “Katechon” und “Anarch”. *Die Reaktionen Carl Schmitts und Ernst Jüngers auf Max Stirner*. Nürnberg: LSR-Verlag, 1997 (*Stirner-Studien*, Band 3).

<sup>16</sup> Citado segundo Hans G. Helms, *Die Ideologie der anonymen Gesellschaft*. Köln: Du Mont Schauberg, 1966, p. 200. Nürnberg: LSR-Verlag, 1997 (*Stirner-Studien*, Band 3).

<sup>17</sup> Karl Joël. *Wandlungen der Weltanschauung. Eine Philosophiegeschichte als Geschichtsphilosophie*. 2 Bände. Tübingen: J.C.B. Mohr, 1928/34, S.II/636, 648f; Joël, por sinal, esteve envolvido na querela privada em torno da questão “Nietzsche e Stirner”, entre “Weimar” e “Basiléia” (Elisabeth Förster-Nietzsche e Franz Overbeck). Ele está, portanto, inteiramente a par de seus bastidores.

<sup>18</sup> Bernd A. Laska. *Den Bann brechen! - Max Stirner redivivus*. Teil 1: *Über Marx und die Marxforschung*. In: *Der Einzige*. Vierteljahresschrift des Max-Stirner-Archivs Leipzig, Nr. 3 (11), 3. August 2000, pp. 17-24.

Conferir também Teil 2: *Nietzsche und die Nietzscheforschung*. In: ebd., Nr. 4 (12), 3. November 2000, pp. 17-23.

<sup>19</sup> Sobre a história da influência: Laska. *Dissident*, loc. cit. (n. 12); Habermas começa sua carreira filosófica por uma condenação furiosa — e merecendo ser lida — intitulada *Absurdität der Stirner'schen Raserei* (Absurdo da loucura furiosa stirneriana) (Habermas, Jürgen. “Das Absolute und die Geschichte”, *Dissertation*, Bonn, 1954, pp. 16-34).

Ele, a seguir, fez sempre, mesmo em trabalhos sobre o jovem hegelianismo, um grande desvio em torno de Stirner, che-

gando, inclusive, a excluí-lo de enumerações tais como “Feuerbach, Ruge, Marx, Bauer e Kierkegaard (Habesrmas, Jürgen. *Drei Perspektiven — Linkshegelianer, Rechtshegelianer und Nietzsche*. In: *Der philosophische Diskurs der Moderne*. Frankfurt/M: Suhrkamp 1985, pp. 65-103). Atestando assim uma intuição que o fazia classificar no âmbito da recepção clandestina de Stirner.

<sup>20</sup> Encontramos em inúmeros autores alusões a uma importância potencial de Stirner na história das idéias e ao mesmo tempo à questão “Nietzsche e Stirner”, com frequência apenas entre as linhas. Recusando, contudo, examinar a coisa a fundo, quando muito, até aqui, produziram difamações (“mentalidade pequeno-burguesa”), condenações (“religião satânica”) ou ainda um amontoado de visões apocalípticas, todas atitudes das quais é extraordinário o caráter acessório e de aparência forçada.

<sup>21</sup> Ver Laska: *Dissident*, loc. cit. (n. 12), pp. 23 e seg.

<sup>22</sup> Ver Laska: *Bann*, Teil 1, loc. cit. (n. 18).

<sup>23</sup> Eduard von Hartmann. *Philosophie des Unbewussten*. 1869. 12. Aufl. Leipzig. Alfred Kröner, 1923, p. 373.

<sup>24</sup> Friedrich Albert Lange. *Geschichte des Materialismus*. 1866. Nachdruck Frankfurt: Suhrkamp, 1974 (stw, Doppelband 70), pp. 528 e seg.

<sup>25</sup> Robert Otto Anhuth. *Das wahnsinnige Bewusstsein und die unbewusste Vorstellung. Ein Ant(h)elogikon der Hartmann'schen Philosophie*. Halle: Fricke, 1877, p. 52.

<sup>26</sup> Ver Laska: *Dissident*, loc. cit. (n. 12); Laska, *Bann*, Teil 1, loc. cit. (n. 18).

<sup>27</sup> Para alguns, Stirner tornou-se um ídolo. Foi assim que John Henry Mackay, seu futuro biógrafo, representou em seu nome



um ultraliberalismo de proveniência norte-americana batizado “anarquismo individualista”, dirigido contra o anarquismo coletivista construído a partir de Proudhon, Bakunin e Kropotkin.

<sup>28</sup> Carta de Heinrich Hengster, 24 de junho de 1889, citada por Janz: *Nietzsche, loc. cit.*, p. III/336.

<sup>29</sup> Eduard von Hartmann. *Nietzsches “neue Moral”*. In: *Preussische Jahrbücher*, 67. Jg., Heft 5, maio de 1891, pp. 501-521; Versão aumentada, com uma acusação de plágio mais formal, in d<sup>o</sup>: *Ethische Studien*. Leipzig: Haacke, 1898, pp. 34-69.

<sup>30</sup> Wolfert von Rahden. *Eduard von Hartmann “und” Nietzsche. Zur Strategie der verzögerten Konterkritik Hartmanns an Nietzsche*. In: *Nietzsche-Studien*, 13 (1984), pp. 481-502. Rahden é o único autor, nos trinta anos da existência dos *Nietzsche-Studien*, a abordar sumariamente a questão “Nietzsche e Stirner” — numa longa nota de rodapé, p. 492.

<sup>31</sup> Zu Lauterbach vgl. Bernd A. Laska. *Ein heimlicher Hit. 150 Jahre Stirners “Einzigler”. Eine kurze Editions-geschichte*. Nürnberg: LSR-Verlag 1994 (S. 18-28). O prefácio de Lauterbach em todas as edições Reclam de *O Único*, de 1893 a 1924.

Aparecerá, sem dúvida, estranho que seja precisamente um adversário de Stirner que tenha sido a força motriz mais efetiva de sua redescoberta. Entretanto, o que se chamou o “segundo renascimento de Stirner” a partir de meado dos anos 1960 — depois que Stirner caiu de novo no esquecimento durante quase meio século — pôs-se também em movimento segundo o mesmo modelo. Aquele que desempenha o papel do triunfador sobre o “perigoso” Stirner não foi desta vez Nietzsche, mas Karl Marx. (Ver Laska. *Hit. op. cit.*).

<sup>32</sup> Friedrich Heman. *Der Philosoph des Anarchismus und Nihilismus*. In: *Der Türmer*, 9. Jg., Band I, Okt. 1906, S. 67-74.

<sup>33</sup> Franz Overbeck. *Erinnerungen an Friedrich Nietzsche*. In: *Neue Rundschau*, Feb. 1906, pp. 209-231 (227-228); citado por Carl Albrecht Bernoulli: *Franz Overbeck und Friedrich Nietzsche - eine Freundschaft*. 2 Bände. Jena: Eugen Diederichs, 1908, pp. I/238 e seg.

<sup>34</sup> Ver Janz: *Nietzsche*, *op. cit.*, p. I/646.

<sup>35</sup> Ver a análise de Resa von Schirnhofer sobre o “interrogatório”, in Janz: *Nietzsche*, *op. cit.*, p. III/212. Numa carta a Karl Joël de 12 de maio de 1899, Elisabeth Förster-Nietzsche afirma estar de posse das declarações nesse mesmo sentido de Rohde, Gersdorff, Seydlitz e Köselitz-Gast (*Nietzsche-Archiv*, Weimar).

<sup>36</sup> Mazzino Montinari. *Friedrich Nietzsche. Eine Einführung*. Berlin: Walter De Gruyter, 1991, p. 135 (edição original italiana de 1975).

<sup>37</sup> Citado in Bernoulli: *Overbeck...*, *op. cit.* (n. 33), p. I/136 e seg.

<sup>38</sup> Vgl. Ottmann. *Philosophie...*, *op. cit.*, p. 309; Safranski: *Nietzsche*, *op. cit.*, p. 129.

<sup>39</sup> Hermann Schmitz. *Philosophie als Selbstdarstellung*. Bonn: Bouvier, 1995, pp. 83-89).

<sup>40</sup> É preciso aqui chamar a atenção para um paralelo extraordinário com a pesquisa sobre Marx. Embora, no caso deste último e contrariamente àquele de Nietzsche, o encontro com *O Único* de Stirner tenha sido muito bem atestado pela descoberta nas obras póstumas do enorme manuscrito intitulado “São Max”, os pesquisadores marxianos de todas as tendências foram levados — com raras exceções — a fazer desaparecer essa circunstância da biografia e da história da evolução teórica de Marx. Fato que mal se pode crer, contudo verdadeiro: cf. Laska: *Bann... Teil1*, *op. cit.* (n. 18).

<sup>41</sup> Théophile Droz. *La revanche de l'individu - Frédéric Nietzsche*. In: *La Semaine Littéraire* (Genève), Ano 1894, N<sup>o</sup> 44, 3 de novembro de 1894, pp. 517-520; tradução alemã parcial in: *Zürcher Post*, 7. November 1900.

<sup>42</sup> Carta de Friedrich Nietzsche a Hermann Mushacke de 20 de setembro de 1865.

Nietzsche estava lendo o livro de Strauss *Die Halben und die Ganzen*, que acabara de ser publicado. Quando ele fala de filosofia hegeliana, ele provavelmente não pensa nos textos de Hegel ou de hegelianos ortodoxos, mas de jovens hegelianos.

<sup>43</sup> Friedrich Nietzsche. *Werke in drei Bänden*. Hg. v. Karl Schlechta. München: Hanser, 1954ff. Band 3, pp. 133f.

<sup>44</sup> Elisabeth Förster-Nietzsche. *Der junge Nietzsche*. Leipzig: Alfred Kröner, 1912, p. 171.

<sup>45</sup> Janz. *Nietzsche, op. cit.*, Band I, S. 265-267.

<sup>46</sup> Nietzsche. *Werke* (Hg. Schlechta), *op. cit.*, Band III, p. 148.

<sup>47</sup> Werner Ross. *Der ängstliche Adler*. Stuttgart: DVA, 1980, p. 158.

<sup>48</sup> John Henry Mackay. *Max Stirner. Sein Leben und sein Werk*. 3. Aufl. Berlin-Charlottenburg: Selbstverlag 1914, p. 90.

<sup>49</sup> Manfred Kliem. *Wer war der im Engels-Brief vom 22. Oktober 1889 genannte, bisher nicht identifizierte Junghegelianer "Mussak"?* In: *Beiträge zur Marx-Engels-Forschung*, Band 29, Berlin 1990, pp. 176-185.

<sup>50</sup> Carta de Friedrich Nietzsche a Hermann Mushacke de 14 de março de 1866.

<sup>51</sup> Parto, aqui, da hipótese segundo a qual Nietzsche nutriu durante um curto lapso de tempo a idéia de reanimar e desenvolver a filosofia das Luzes radical de Stirner. Entretanto, sua

obra filosófica, conquanto se possa nela encontrar inúmeros vestígios desse autor, visava a “superar” sufocando-o e também foi na ótica dessa função que ele a concebeu na maioria das vezes (conferir a recepção clandestina de Stirner evocada no início). É igualmente na ótica dessa função que se pode ver um claro paralelo com a evolução de Marx. Conferir Laska: *Bann*, Teil 1: *Marx und Marxforschung*, *op. cit.* (n. 18); Teil 2: *Nietzsche und Nietzscheforschung*, *op. cit.* (n. 18).

<sup>52</sup> *Der Einzige* de Stirner pode ser encontrado desde 1972 na Universalbibliothek das edições Reclam (e, desde 1977, *O Único* nas edições L’Age d’Homme, Lausanne). Sobre a recepção ver os três *Stirner-Studien* (em alemão) publicados até agora: *Stirner-Studien* (Laska: *Hit*, *op. cit.* (n. 31); Laska: *Dissident*, *op. cit.* (n.º 12); Laska: *Katechon*, *op. cit.* (n.º 15)) assim como meus trabalhos, que são acessíveis da maneira mais simples em

<http://www.lsr-projekt.de/poly/frms.html>

mas também foram impressos em sua maioria.